

# ELEGIA SIMBÓLICA

LEITE MARANHÃO

Para entender um poeta, estou certo, só outro poeta. . .

Esta foi a conclusão a que cheguei, quando terminei a leitura do vigoroso trabalho de Martins de Oliveira, da Academia Mineira de Letras, em sagração à memória de Alphonsus de Guimarães: “Elegia Simbólica”. É uma obra de primores rútilos, sublimada de uma filosofia iluminada e profundamente penetrante.

*Canto fúnebre*, quer o autor. . .

Exaltação triunfal, é o que me parece, salmo de alelúia glorificando o espírito numa evocação contemplativa de eterna melodia!

Não sei bem definir o que me ocorreu com a leitura de tão precioso trabalho, no silêncio de um antigo mosteiro beneditino, onde murmura, ainda, como eco de ansiedade e fé, a prece de monges solitários voltados para os mistérios da eternidade. . .

Não me envolveu o êxtase de emoção estranha em variantes estéticas.

Não me surpreendeu a fantasia diletante de um poema comum.

Não me sacudiu o espírito a vibração de um artífice das letras aureolado de lentejoulas efêmeras. . .

Mais do que tudo isto, senti o chamamento para o além, sem lirismo, austero como um evangelho a desmaterializar o

pensamento, liberá-lo dos contornos da arte e incensá-lo como um halo de divindade num simbolismo sublime e majestoso. . .

*Sursum corda!*

Foi o brado que me siderou a alma naquela Elegia de amizade, de carinhoso afeto, e de pujança espiritual, rumo ao infinito.

Logo de início, adverte o poeta iluminado:

“Erguei o coração bem alto,  
a fim de que possais tocar o extrema da grandeza  
do ser,  
e perceber, no fundo inumerado do céu amplo, ,  
o sentido perfeito da beleza”.

É êle próprio que se exorta, êle que, à semelhança de Francisco de Assis, anima, encoraja, a si mesmo, vergasta a sensibilidade e o talento para, com “o sangue latejante”, construir aquêlo poema de luz em base de uma concepção filosófica de renovação estética e plasticidade artística.

Assis, o santo, alou-se ao sacrifício vergastando o corpo para erguer-se às belezas da Fé. . .

Oliveira sublimou-se, vergastando o espírito para erguer-se puro ao culto da amizade e da justiça.

O seu canto não é uma simples balada de sonhos e quimeras que, frequente e rotineira no parnaso moderno, abastarda a técnica e arte dos cantores, não é uma toada melancólica a perder-se nas sombras de um sepulcro. . .

É um primor de ocaso, austero e paradoxal, como as elegias sonoras de Bach, ondulando na miragem mística das catedrais, como se a própria tecesse o painel das verdades eternas,

Vejamos, entre tantos títulos que excelem na sua obra, o que mais me afagou o espírito numa contemplação suave de profundo encantamento: —

TEORIA DA LÁGRIMA

Para o bem do teu ser, a lágrima de luz,  
a grande e poderosa lágrima de luz do bem eterno  
rolará em tua face silenciosa.

Para o bem de tua alma, a lágrima silente  
cairá no teu verso e fulgirá nas trevas  
no veludo, envolvente e enorme de teu sono.

Jamais há-de gritar o choro estertorante,  
partido, angustiado, entre soluços longos,  
de sufocado desespero, em repêlões violentos.

A tua face ficará imóvel silenciosa,  
e nela escorrerá, redonda e grande,  
a lágrima serena.

Para que consentir em que o desespero agite  
os braços longos, longos, longos  
da angústia sem remédio?

A dor não deve ser vulgar, perdida, pública,  
a reclamar consólo.

A dor que pede amparo  
é dor saciada.

A dor tem face silenciosa  
e rola pelo mundo, insatisfeita.

Numa lágrima só, a alma pode ficar de luto.

Digam o que quiserem os céticos e presumidos leitores, isto, para mim, é a fluidez cristalina de uma filosofia renovadora na confluência do parnaso nacional.

Alphonsus de Guimarães, o autor de KIRIALE, alcançou-se em poemas de fé e de dor.

A sua vida foi um conflito espiritual de idéias puras, cristalizadas no cadinho do sacrifício e do desajustamento material de suas atividades sociais, segundo o seu biógrafo.

Teve o seu calvário na vida, e, na morte, os loiros de um espírito iluminado “no fundo inumerado do céu amplo”, a irradiar para o mundo “o sentido perfeito da beleza” . . .

Martins de Oliveira, seu amigo e seu intérprete, constituiu-se o panegirista de sua grandeza espiritual.

Ei-lo, a perfilar o cantor de “*Centenário das Dores*” neste retalho dalma devotado e candente: —

“Quem não sabe encontrar, serenamente,  
a fórmula perfeita, o justo meio,  
dentro do bem comum e da equidade,  
nunca será Juiz, se não apenas  
mero justicador de ofício nulo,  
repetidor, repetidor sem alma,  
de textos, e mais textos, e mais textos...  
Será Juiz, e grande Juiz, quem saiba  
aliar ao calado sofrimento  
a fortaleza de ânimo indomável,  
buscando, para o alvor da ideia pura,  
em friso de oiro de sentido largo,  
a centelha suprema da verdade,  
e, mais que humano, atinja a esfera imensa,  
em que reina a Justiça incomparável.

Alphonsus foi Juiz, Juiz sereno,  
que se alegrava sempre, quando tinha  
a dita de assinar a carta suave  
do bem maior do mundo — a liberdade”.

E, encerrando o seu canto de sagração e amizade, como um salmo de beatificação apostólica, exclama Martins de Oliveira: —

Meu mestre! Eis a palavra grande,  
que deixo à mão de Deus  
pela voz sem carne de um soluço,  
eu, de mãos postas, Mestre,  
ajoelhado, humildemente, eternamente,  
Amigo!”

Aqui ficam êstes comentários ao relance...

Disse, de início, que, para entender um poeta, só outro poeta...

E, não sendo poeta, usei comentar a obra de Martins de Oliveira, nos têrmos que aqui ficam.

É que, contemplando a paisagem espiritual de *Elegia Simbólica*", o que mais admirei foi a penetração psicológica da obra de Alphonsus de Guimarães, "o astro religioso, a imaginação eterizada, a doçura quase eoliana", no dizer de Sousa Soares, e o relêvo que lhe deu Martins de Oliveira, *vero cantor de sombras iluminadas*, silhuetas paradoxais, confrontos harmônicos e contrastes rítmicos, que se cruzam no painel das concepções simbólicas de sublime inspiração.

O que aqui fica é simplesmente, e modestamente, o pronunciamento de minha percepção emotiva que, por tolerância, se incorpora ao arquivo literário da *Academia Cearense de Letras*.